

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA ZIMMER CARDIN

RECONHECENDO NIETZSCHE EM BRÁS CUBAS – O DEFUNTO-AUTOR

CURITIBA

2018

FERNANDA ZIMMER CARDIN

RECONHECENDO NIETZSCHE EM BRAS CUBAS – O DEFUNTO-AUTOR

TCC apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Filosofia no Ensino Médio, Setor de Filosofia, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2018

## RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar uma proposta de curso interdisciplinar a ser realizado com as disciplinas de Língua Portuguesa/Literatura e Filosofia, no Ensino Médio. Primeiramente são apresentadas conceitos ligados ao estudo, tais como ação pedagógica, educação para a emancipação humana, estudo da filosofia e da literatura no Ensino Médio, literatura e formação do homem e interdisciplinaridade. Uma vez contextualizada, explicita-se a proposta, a qual pretende aproximar o conceito de niilismo, empregado pelo filósofo alemão F. Nietzsche, ao capítulo final da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do escritor brasileiro Machado de Assis. Para concretizar a aproximação, propõe-se que o niilismo de Nietzsche seja estudado nas aulas de filosofia e a obra de Machado lida e analisada nas aulas de literatura, e somente em um momento posterior seja feita a relação entre os objetos estudados. Uma vez observada a relevância da aproximação do filósofo à obra do escritor brasileiro, os alunos devem ser estimulados a por em perspectiva os valores presentes na sociedade atual, desconstruindo-os para, em seguida, imaginar que outros conjuntos de valores poderiam vir a dar conta das reais necessidades do ser humano. A desconstrução proposta deverá partir de situações reais, as quais devem ilustrar a necessidade de uma revisão de condutas, hoje naturalizadas, a serviço do sistema capitalista.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Nietzsche. Machado de Assis. Niilismo.

## ABSTRACT

The present work intends to present a proposal of an interdisciplinary course to be realized with the disciplines of Portuguese Language / Literature and Philosophy, in High School. First, concepts related to the study are presented, such as pedagogical action, education for human emancipation, study of philosophy and literature in high school, literature and human formation and interdisciplinarity. Once it is contextualized, the proposal is made explicit, which intends to bring the concept of nihilism, used by the German philosopher F. Nietzsche, to the final chapter of the book *Memórias Póstumas de Bras Cubas*, by the Brazilian writer Machado de Assis. In order to concretize the approach, it is proposed that Nietzsche's nihilism be studied in philosophy classes and Machado's work read and analyzed in literature classes, and only at a later time the relation between the studied objects will be made. Once the relevance of the philosopher's approach to the work of the Brazilian writer has been observed, students should be encouraged to put the values of the present-day society in perspective, deconstructing them, and then imagining that other sets of values might come to account of the real needs of the human being. The proposed deconstruction should be based on real situations, which should illustrate the need for a review of conduct, now naturalized, at the service of the capitalist system.

Keywords: Interdisciplinarity. Nietzsche. Machado de Assis. Nihilism.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	05
2. DA EDUCAÇÃO.....	06
2.1. A AÇÃO PEDAGÓGICA.....	06
2.2. A EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA.....	07
3. ESTUDO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO.....	09
4. ESTUDO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO.....	12
4.1. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO HOMEM.....	13
5. A INTERDISCIPLINARIDADE.....	15
6. NIETZSCHE E MACHADO.....	17
REFERÊNCIAS.....	20

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa o estreitamento das relações interdisciplinares, envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa/Literatura e Filosofia, no Ensino Médio. Tal aproximação pode proporcionar ao estudante uma ampliação da sua visão de mundo e, principalmente, incentivar seu gosto pela Literatura e pelo exercício do pensamento filosófico. Para sua contextualização, nos primeiros capítulos, apresentaremos os conceitos básicos: a educação, a interdisciplinaridade, a importância da literatura para a formação do ser humano e o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Uma vez exposto o contexto, trataremos da atividade interdisciplinar propriamente dita, relacionando o último capítulo da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, Machado de Assis (1839-1908), e o conceito de niilismo, conforme abordado pelo filósofo alemão F. Nietzsche (1788-1860), que o descreveu como falta de convicção em que se encontra o ser humano após a desvalorização de qualquer crença.

Ao observar a perspectiva apresentada pelo narrador-personagem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, podemos relacioná-la à vontade de nada e ao ressentimento em relação ao passado, próprios do conceito explorado pelo filósofo alemão.

Nos escritos de Machado de Assis encontramos panoramas bastante peculiares em relação à sociedade, aproximando-o muitas vezes do olhar de Nietzsche sobre a humanidade. Em especial, ao partirmos da maneira como o autor analisa e/ou provoca a análise do leitor em relação a valores enraizados na sociedade, percebemos uma aproximação com as tentativas feitas por Nietzsche de rejeitar alguns dos valores antigos considerados por ele como menores, desprezíveis para o ser humano, em vista de sua proposta de transvaloração de todos os valores; vemos em *Cubas*, que, por meio da escrita, há uma inclinação para intervir na construção da história da própria vida.

“Transvaloração de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autoconsciência da humanidade, que em mim se fez gênio e carne.” Nietzsche, *Ecce Homo*

## 2. DA EDUCAÇÃO

### 2.1. A AÇÃO PEDAGÓGICA

Considerando-se que em todo tipo de interação humana há alguém que ensina e há alguém que aprende, observamos que em ações educativas genuínas há um recíproco processo de ensino-aprendizagem, no qual quem ensina também aprende e quem aprende torna-se um ensinante.

A educação abarca toda manifestação cultural humana; em tudo o que o ser humano faz e produz está contido um processo de ensino e aprendizagem, portanto, um processo educativo. O característico deste processo é sua espontaneidade e assistemática. Já a ação pedagógica exige momentos sistemático-reflexivos do ato educativo.

Compete à ação pedagógica uma reflexão rigorosa e sistemática sobre os aspectos e a problemática que envolvem o processo educacional, diferenciando-se, ainda, da educação como um processo espontâneo.

A ação pedagógica deve ser compreendida como uma ação racional que não só tem o fim em si mesma como também só pode alcançá-lo pela ação mesma. (DALBOSCO, 2005, p.17)

A ação pedagógica, assim, é um processo comunicativo entre duas ou mais pessoas, constituído intersubjetivamente numa dupla perspectiva: enquanto ação pedagógica que é determinada socialmente e, simultaneamente, enquanto ação que tem, ela própria, sua influência social.

A ação comunicativa é um processo simétrico entre seus interlocutores e, portanto, como um processo horizontal e não vertical, onde a tomada de posição ocorre com base em razões, a relação entre educador e educando não pode mais ser vista somente como uma relação de poder do educador sobre o educando, na qual o educador procuraria educá-lo a partir de fins determinados previamente.

Levando-se em conta, ainda, a relação de desigualdade inicial que caracteriza toda a relação pedagógica, firma-se o compromisso de fazer com que esta desigualdade desapareça. Pensar um conceito de ação pedagógica, fundamentado em termos comunicativos, não significa desresponsabilizar, portanto, qualquer um dos integrantes da relação pedagógica.

## 2.2. A EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Qualquer estudo que trate de educação não pode deixar de fora a importante reflexão entre a educação e o homem, explorada pelo educador Paulo Freire, em especial na obra *Educação e Mudança*.

O homem, entendido aqui como o ser humano, sente necessidade, por sua natureza, de se aprimorar, de aprender, de se desenvolver, visto que é um ser inacabado.

A educação é possível para o homem porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica a uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (FREIRE, 1979, p.38).

Considerando-se ainda que a busca por conhecimento não ocorre de forma individual, Freire (1979) observa que esta busca dar-se-á junto a outros homens, os quais também sentem as mesmas necessidades de aprimoramento. E mais, tendo o homem se desenvolvido cada vez mais por meio da comunicação, a escola hoje deve representar um espaço de desenvolvimento social e humano.

Para que o processo de educação do homem ocorra de fato, deve-se levar em conta que todo ser humano traz em si algum conhecimento, ninguém chega à escola totalmente alheio ao mundo que o circunda. Os diferentes saberes trazidos pelos educandos devem ser considerados, assim como os saberes dos professores das disciplinas curriculares. Todos os envolvidos no processo de aprendizagem estão sempre aprendendo, por meio da assimilação do conhecimento historicamente acumulado e das relações interpessoais realizadas no espaço escolar.

Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (FREIRE, 1979, p.41).

Ainda segundo Paulo Freire (1979), para serem sujeitos sociais e finalmente encontrarem a emancipação humana, aos educandos devem ser oferecidas oportunidades para que sejam eles mesmos, para que eles possam se perceber verdadeiramente no mundo, sem interferência de outros, tornando-se de fato autônomos, capazes de tomar suas próprias decisões.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (FREIRE, 1979, p.39).

### 3. ESTUDO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Ao iniciar o capítulo sobre o estudo da filosofia no Ensino Médio faz-se necessário o registro de minha imensa indignação por conta da aprovação da Reforma do Ensino Médio, no ano de 2017, enquanto ainda estávamos assistindo aulas mensais na UFPR no curso de pós-graduação, agora em conclusão.

A citada Reforma deixa de fora do currículo do Ensino Médio a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Filosofia, atendendo aos interesses do capital. De que forma? A grade curricular passa a ser flexibilizada. Os alunos poderão cursar o Ensino Médio escolhendo a área de conhecimento. Além da discussão sobre a falta de estrutura das escolas públicas do país para oferecerem cursos mais específicos, há a questão mais grave, apontada pelo governo golpista, como o ponto forte da Reforma, que é a inserção do jovem estudante no mercado de trabalho. O estudante terá a ilusão da escolha, entendendo estar sendo beneficiado, pois as famílias sofrem na pele os efeitos da crise financeira acirrada pela política nefasta do governo brasileiro. Quando na verdade, mais uma vez a educação voltará a ser tecnicista, deixando de lado a formação integral do ser humano. A educação pública estará treinando mão de obra barata.

Certamente o ensino nas escolas de disciplinas como Filosofia e Sociologia não serve ao capital. Ao contrário, ameaça a homogeneização das massas, hoje, mais do que nunca, comandadas pelas mídias. Despertar a massa para a importância do pensamento reflexivo pode ser desconfortável e até perigoso para o atual sistema. Pode, inclusive, tirar a massa da condição de massa.

Enquanto discutíamos no curso as diferenças entre aprender a filosofar e aprender filosofia, quais conteúdos deveriam ser abordados no Ensino Médio, sobre a importância do contato com os textos clássicos da filosofia, sobre percorrer ou não a história da filosofia, a obrigatoriedade da oferta da disciplina era retirada da lei.

O Ensino Médio é geralmente considerado pelos educadores como uma fase de consolidação do jovem, de sua personalidade e de seus desejos. Nesta fase do desenvolvimento humano, a filosofia cumpre um importante e fundamental papel no sentido de colaboração.

Palacios (2007), recorrendo a Kant, nos lembra que se ensina a filosofar, filosofando. A filosofia não se define por um objeto, nem por um método claro. A filosofia seria mesmo a tentativa de resolução de problemas que, com o resultado de outras ciências, ou com o conhecimento obtido em outras áreas da atividade humana, é impossível resolver.

O autor considera que se deve ensinar a filosofar como se ensina outra atividade qualquer: pelo exemplo.

É pelo exemplo de um agir filosofante: discutindo, avaliando e procurando respostas aos

problemas que a cada um de nós, filosoficamente, nos preocupam. ( PALACIOS, 2007, p.5)

De forma geral, educamos as crianças e os jovens para estarem preparados para viver em nosso mundo. Os jovens de hoje são os adultos de amanhã. Em casa, na escola e na rua, em todo o convívio social, cada ser humano vai lentamente construindo sua subjetividade. Cada um de nós tem contato com costumes, tradições, opiniões do senso comum, assim como com os conhecimentos das ciências com as quais a escola trabalha. Isso sem deixarmos de considerar ainda os apelos da indústria cultural.,

No dia a dia, dificilmente somos convidados a pensar sobre o significado das tradições, a pertinência dos julgamentos do senso comum, os critérios, procedimentos e razões das ciências, ou a pensar criticamente sobre o significado de nossas ações e pensamentos.

O ensino da filosofia pode promover esse tipo de pensar. O pensar sobre o mundo. Pode proporcionar aos jovens uma outra disciplina de pensamento. O ensino da filosofia pode apontar para uma outra chave de análise e síntese para a construção de significado do mundo e de si próprio, de forma autônoma. A experiência filosófica deve dar aos estudantes instrumentos filosóficos para que o pensamento possa se fundamentar em sua liberdade.

Cada disciplina escolar tem suas características próprias e contribui para desenvolver habilidades específicas de pensamento. No caso da filosofia, o diferencial dela é que a disciplina oportuniza um pensar sobre o próprio pensamento, desnaturalizando nosso pensamento cotidiano. E com isso nos permite produzir um pensamento melhor elaborado, com melhores fundamentos.

Nas aulas de filosofia os estudantes devem ser encorajados a pensar, a desenvolver suas próprias experiências de pensamento. Essas experiências de pensamento apenas são possíveis através do estudo de textos filosóficos, da compreensão de que cada filósofo cria seus conceitos para enfrentar os problemas com os quais se depara. Realizar a própria experiência de pensamento significa dominar as ferramentas lógicas e conceituais da filosofia, saber identificar os problemas que enfrentamos e aplicar essas ferramentas de pensamento a este problema, comparando com o que já foi pensado pelos filósofos ao longo da história.

Finalmente, considera-se que a filosofia deva ter espaço no Ensino Médio porque ela é capaz de formar indivíduos intelectualmente autônomos, que pensem por si mesmos, estimulados à postura crítica por meio do desenvolvimento da habilidade de ler e interpretar textos, o que mais propriamente constitui objeto e método filosóficos.

A manutenção da disciplina nas escolas auxiliaria os jovens estudantes na identificação e avaliação de argumentos e opiniões sobre assuntos os mais diversificados, e ainda continuaria estimulando-os a criarem por si mesmos seus próprios argumentos, rumo à autonomia intelectual. Compreender, questionar, avaliar e criar argumentos sistematicamente são habilidades desenvolvidas mediante o estudo da filosofia.

#### 4. ESTUDO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

A literatura, em sua origem oral e posteriormente escrita, tem revelado interesse pela vida humana, pois nasceu dela e com ela caminha. No século XIX, Nietzsche já viu uma oscilação entre períodos de maior força de sentido estético e racional e outros de domínio intuitivo e emocional. A partir do século XIX a literatura oscilou entre a preocupação com a pureza da arte, a chamada arte pela arte, e entre a arte “contaminada” pelo compromisso com a sociedade. E assim permanece a literatura até hoje.

O ensino da literatura nas escolas tem sido reservado à disciplina de Língua Portuguesa. No Ensino Fundamental há uma grande tendência de se trabalhar o texto literário como pretexto para o estudo da gramática. No Ensino Médio, de acordo com o currículo, devem-se ensinar principalmente as escolas literárias, contextualizadas historicamente, recorrendo-se à leitura das obras clássicas representativas de cada período.

Certamente tal sistematização do estudo da literatura no Ensino Médio tem sua importância. No entanto, entendo que o contato com a obra literária na escola deveria se dar de maneira significativa, de modo a estimular a formação de leitores autônomos.

Dentre os diversos teóricos que tratam do estudo da literatura, escolhi partir do conceito elaborado pelo professor e pedagogo Douglas Tufano, justamente por compreender que sua experiência enquanto professor, trabalhando efetivamente em sala de aula, contribuiu para uma elaboração conceitual fincada nas necessidades cotidianas de docentes e discentes.

Para Tufano (1990), a literatura é uma forma de manifestação artística que tem como material de expressão a palavra. O texto literário é resultado de um processo de manipulação das palavras, por parte do autor, com o objetivo de obter determinados efeitos e expressar uma certa visão da realidade.

Dessa forma, em um texto literário, o escritor não trata de tudo; ele seleciona o que julga mais relevante e organiza o texto de modo a provocar um certo impacto no leitor.

Recorro também a João Domingues Maia (1995), especialista em Teoria da Literatura, para considerar a importância do papel do leitor.

Um texto não é constituído apenas pelo escritor, mas também pelo leitor. Cada leitor, além da sua consciência e subjetividade, transporta para o texto uma parte das ideias e conhecimentos da sua época [...] produzindo diferentes leituras de um texto, condicionadas à vivência, à cultura e à psicologia de cada leitor (MAIA, 1995, p.41).

A leitura de obras literárias pode trazer ao leitor o contentamento de descobrir em uma personagem elementos em que ele pode se reconhecer plenamente. Lendo uma história, o leitor descobre pessoas que são idênticas a ele, parecendo até uma espécie de espelho. Como as personagens estão em outro contexto e são fictícias, o leitor mantém um certo distanciamento, o que

acaba ajudando-o a entender melhor o sentido de suas próprias experiências. Essa dupla capacidade de carregar o leitor para outros mundos e propiciar a ele uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura.

#### 4.1. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO HOMEM

Para embasar a importância do estudo da literatura no Ensino Médio, recorro a Antônio Candido (1972), que trata a literatura como um instrumento poderoso de instrução e educação, como algo que exprime o homem e depois atua na sua própria formação intelectual e afetiva.

A produção e fruição da literatura se baseiam na necessidade universal de ficção e fantasia que aparece invariavelmente na vida do homem, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares.

Para Candido,

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura (CANDIDO, 1972).

Ainda de acordo com o autor, as obras que lemos atuam de maneira que não podemos avaliar, influenciando as camadas mais profundas da nossa personalidade, de modo consciente e subconsciente, tendo um alcance na formação de uma criança e de um adolescente comparado ao da família e ao da escola.

A literatura e a vida ensinam atuando com toda a sua gama de possibilidades. Seria contra a própria natureza da literatura querer que ela funcione como manual de virtude e boa conduta. A literatura em si não corrompe nem edifica, mas traz nela mesma o que a sociedade chama de bem e de mal, humanizando em sentido profundo porque faz viver.

Em outras palavras, há de se considerar que a literatura pode formar, mas não no sentido tradicional, pedagógico da palavra. A literatura não pode servir a interesses de determinados grupos dominantes, para ensinar valores, por exemplo, ou ainda reforçar uma concepção de vida. A literatura não pode ser controlada. Talvez por isso o acesso a ela ainda seja tão restrito e o seu estudo nas escolas ainda se dê de forma tão rasa.

O revestimento ideológico de um autor pode dar lugar a contradições realmente interessantes - os poderes da sociedade ficando inibidos de restringir a leitura de textos que deveriam ser banidos segundo os seus padrões, mas que pertencem a um autor e a uma obra que, por outro lado, reforça esses padrões (CANDIDO, 1972).

## 5. A INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, consiste na relação estabelecida entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento, ou ainda, diz respeito ao que é comum a duas ou mais disciplinas.

Na escola, ela surge como a interação entre duas ou mais disciplinas ou áreas de conhecimento para um fim comum, nada mais sendo do que uma abordagem metodológica que integra conceitos, teorias e fórmulas visando compreender o objeto de estudo de forma sistematizada.

Dessa forma, entende-se como possível a interação entre disciplinas aparentemente distintas, como uma maneira complementar de possibilitar a formulação de um saber crítico-reflexivo. A interdisciplinaridade surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas, possibilitando um diálogo entre estas, relacionando-as entre si para uma melhor compreensão da realidade por parte do discente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), trabalhar na perspectiva da interdisciplinaridade exige dos professores, além de uma evidente superação dos limites até então impostos à sua disciplina, clareza em relação à metodologia a ser utilizada tanto em sala de aula quanto fora dela, como nos momentos dedicados à preparação de suas aulas, reflexão sobre o significado de sua disciplina para a formação do ser humano e seu papel na construção do conhecimento e ainda clareza quanto aos objetivos a serem alcançados em sua proposta de trabalho interdisciplinar.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p. 89)

Essa estratégia pedagógica é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. Seu objetivo é o de permitir aos alunos compreender as diferentes dimensões do saber sobre o objeto estudado desde as diferentes áreas de conhecimento, unindo-as, eventualmente, para propiciar um modo inovador de conhecimento, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação na tentativa de superação do saber dado de antemão.

Vale lembrar que a interdisciplinaridade exige um eixo integrador com as disciplinas de um currículo, para que os alunos possam aprender a olhar o mesmo objeto sob perspectivas diferentes.

Sua importância está em apontar para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. E o seu objetivo deve ser a experimentação da vivência de uma realidade global, que se insere nas experiências cotidianas do aluno e do professor.

Estudar a literatura e a filosofia de forma interdisciplinar na escola, atualmente, é uma necessidade ligada diretamente a uma nova forma de ver e sentir o mundo, de estar no mundo, de perceber, de entender as múltiplas implicações que se realizam, ao analisar um acontecimento, um aspecto da natureza, isto é, ao tomar os objetos estudados como fenômenos com dimensão social, natural e/ou cultural.

## 6. NIETZSCHE E MACHADO

Uma vez exposto o contexto no qual se insere e onde será colocada em prática a proposta deste trabalho, passo a descrever a proposta interdisciplinar propriamente dita. Por meio dela, pretende-se explorar uma relação possível entre o último capítulo da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), do escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), e o conceito de niilismo, abordado pelo filósofo alemão F. Nietzsche (1778-1860), que o descreveu como falta de convicção em que se encontra o ser humano após a desvalorização de qualquer crença.

Tal relação poderia ser realizada a partir de uma proposta interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Filosofia e Língua Portuguesa/Literatura, voltada aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Nas aulas de filosofia os alunos teriam contato com o filósofo alemão F. Nietzsche, em especial com sua abordagem do conceito de niilismo. Já nas aulas de literatura, ao estudarem o período convencionalmente denominado Realismo, eles conheceriam sua contextualização histórica, assim como suas características mais marcantes, e seria feita a leitura da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, destacando-se o seu último capítulo.

Somente em um segundo momento, as duas disciplinas se inter-relacionariam, propondo-se aos discentes a investigação, no capítulo selecionado do texto de Machado, das características próprias do niilismo. Certamente, até essa fase da execução da proposta haveria um acompanhamento direto, em sala de aula, por parte dos professores de ambas as disciplinas, considerando-se que o objetivo da atividade é que os discentes sejam capazes de perceber a riqueza da obra machadiana, abrindo-lhes portas para leituras mais apuradas de obras fundamentais da literatura brasileira e, em contrapartida, saibam valorizar os estudos filosóficos.

Para avaliar o alcance da proposta interdisciplinar na formação intelectual dos discentes, solicitaríamos aos mesmos a produção escrita de um texto no qual seria demonstrada a descrença em um futuro glorioso de civilização, partindo-se de uma situação que retrate como reage o homem civilizado quando enfrenta a vida cotidiana atual.

A ideia seria promover a relativização de alguns dos valores éticos, estéticos e sociais em voga – pois que os mesmos não estão funcionando, na prática, como deveriam – propondo-se a construção de novos valores que sejam afirmativos da vontade, situados para além do bem e do mal.

Para tanto, seria possível partir ainda da obra de Machado, na qual o comportamento da personagem Prudêncio serve para explicar a questão de como a estrutura social se incorpora ao indivíduo: tendo sido escravo de Brás na infância, Prudêncio sofrera os espancamentos do senhor. Um dia, Brás Cubas o encontra, depois de alforriado, e o vê batendo num negro fugitivo. O ex-escravo tinha passado a ser dono de escravo e, nessa condição, tratava outro ser humano como um

animal, pois essa seria sua única referência de como lidar com a situação, afinal, era o modo como ele próprio havia sido tratado anteriormente.

Uma vez tendo sido percebido pelo aluno que a personagem de Machado de Assis absorvera naturalmente comportamentos ensinados pelo contexto no qual ele está inserido, trataríamos de algumas verdades incutidas hoje em nossa sociedade, relativizadas para justificar posturas individualistas, a serviço de um sistema voltado para a capacidade individual de consumo. Seriam elas: a liberdade de expressão, que vem sendo distorcida e usada como pretexto para ofender o outro que ousa pensar diferente; a passividade, usada hoje para justificar o comportamento indiferente daqueles que não se envolvem em questões coletivas; e o distanciamento, solução encontrada como fuga diante de problemas e conflitos de difícil solução.

Tais condutas, conforme observado no contexto atual, estão levando a sociedade a cultivar o ódio diante do diferente, a indiferença quanto aos problemas sociais e econômicos e até o isolamento de pessoas que não se sentem mais capazes de solucionar conflitos – não estão sendo mais ensinadas a solucioná-los. Assim, comprovar-se-ia a necessidade da construção de novos valores que atendam às verdadeiras necessidades dos seres humanos.

O encaminhamento da atividade interdisciplinar partiria do “Capítulo CLX – Das negativas”, das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, reproduzido aqui integralmente para uma melhor compreensão da proposta.

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediarão os sucessos narradas na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *Emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vós ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e, conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 2008, p.142).

Reproduzo em seguida o conceito de niilismo encontrado no *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes.

Niilismo (do lat. *nihil*: nada) 1. Doutrina filosófica que nega a existência do absoluto, quer como verdade, quer como valor ético. 2. Termo empregado por Nietzsche para designar o que considerou como o resultado da decadência europeia, a ruína dos valores tradicionais consagrados na civilização ocidental do séc. XIX. Caracteriza-se pela descrença em um futuro ou destino glorioso da civilização, opondo-se portanto à ideia de progresso; e pela afirmação da “morte de Deus”, negando a crença de um absoluto fundamento metafísico de todos os valores éticos, estéticos e sociais da tradição. O niilismo de Nietzsche deve levar a novos valores que sejam “afirmativos da vida”, da vontade humana, superando os princípios metafísicos tradicionais e a “moral do rebanho” do cristianismo e situando-se “para além do bem e do mal” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006, p.202).

O capítulo final de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nos apresenta o niilismo que pervade esta obra de Machado de Assis, expresso na última frase: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. No discurso final do defunto-autor há uma negação sistemática de todos os valores que prendem o homem a vida em sociedade – uma vontade do nada. O orgulho de não ter filhos, de não ter propiciado a alguém a maior ventura dada aos mortais – a continuidade da vida – o colocaria na perspectiva de que o melhor seria não ter nascido.

Dada a impossibilidade de recuperar o tempo perdido, a nostalgia do narrador de si mescla o passado com o presente e desloca qualquer sentido de futuro. Revolvendo o passado, o memorialista expressa falta de plenitude, sentimento de abandono e um espírito de vingança contra o tempo, ou seja, as memórias poderiam ser consideradas reações ao sentimento de perda, não gestos ativos de resistência.

Para Machado, nesta obra, questionar nem sempre significa destruir. Sendo a destruição necessária, deve haver a reposição de novos valores. A morte nem sempre se configura como um fim, mas pode representar o início de uma nova existência. No isolamento de sua percepção e compreensão de mundo, na posição de defunto-autor, Cubas demonstra o conflito entre aquilo que o homem é de fato e o que a sociedade e seus moralismos querem que ele seja. Lançando mão da ironia, o defunto-autor não nega suas particularidades, não finge honradez, nem virtudes morais, pois está morto e suas preocupações com opiniões, recriminações, desprezo alheio, desaparecem de vez após sua morte.

Brás Cubas não pode ser considerado simploriamente como um desafortunado, infeliz, pessimista ou cético por ter “falhado” nos momentos cruciais de sua vida. Pelo contrário, sua visão de mundo tornou-o ainda mais mordaz e impiedosamente crítico.

Já no fim da vida concebeu a ideia do emplasto, o qual poderia tê-lo levado à ascensão, ao prestígio e à fama. Entretanto, como muitos outros projetos, permaneceram no âmbito da conjectura, reforçando a humanidade de Brás Cubas. A humanidade exposta pela própria ideia de um defunto autor é a humanidade na modernidade. O homem moderno é aquele do sucesso a qualquer custo, o sujeito da notoriedade imediata, do acúmulo de bens em quaisquer circunstâncias.

Dado que em boa parte das vezes os ideais do homem moderno não se efetivam, pois popularidade, riqueza e reconhecimento não estão ao alcance de todos, o homem do consumo e da fama se frustra. Assim, seria o emplasto a representação dessa fórmula imediata de ascensão, levando Cubas à morte.

De acordo com a perspectiva nietszcheana, o niilismo representa o desnorteamto para a conseqüente possibilidade do novo, partindo do necessário desligamento dos valores que se mostraram nocivos ao homem. Tais valores, considerados aprisionadores, surgem com a ascensão do capitalismo industrial, dando início à chamada Modernidade, e trazem para a sociedade, antes de

valores voltados ao subjetivismo e sentimentalismo do movimento romântico, aqueles voltados para as questões do universalismo e do materialismo.

Nesse período histórico passam a ter importância a técnica, o pensamento racional, as ciências, a tecnologia e até a filosofia – parte importante no processo de destronar antigos deuses dos seus reluzentes tronos a serem ocupados pelas figuras dos próprios cientistas.

Assim, percebe-se que o niilismo ganha significância à medida que evidencia que os valores podem ser muitas vezes contraditórios e seguem uma lógica que não necessariamente é benéfica a todos. O homem, no campo do niilismo, tem a oportunidade de desenvolver a crítica contra todos os valores que possam vir a resultar em seu adoecimento e em sua domesticação. Brás Cubas é o homem moderno domesticado.

## REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. 2009. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação.
- ASSIS, Machado de. 2008. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2 ed. São Paulo: Escala Educacional.
- BRASIL. Ministério da Educação. 1999. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo>. Acesso em: 15 janeiro 2018.
- CANDIDO, Antônio. 1972. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo: USP. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 25 fevereiro 2018.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. 2015. “Ação pedagógica e ação humana”. In: **EccoS Revista Científica**. São Paulo, n. 36, p. 203-207, jan/abr. 2015.
- DURANT, Will. 1999. **Os Grandes Filósofos - Nietzsche**. Trad. Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro: Ediouro.
- FREIRE, Paulo. 1979. **Educação e mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOUAISS, Antônio. 2009. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. 2006. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- MACHADO, Ana Maria. 2002. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MAIA, João Domingues. 1995, **Literatura, textos e técnicas**. São Paulo: Ática.
- PALACIOS, Gonzalo Armijos. 2007. “Ensina-se a filosofar, filosofando”. In: **Philosophos: Revista de Filosofia**. Goiás, v. 12, n.1. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/3505>. Acesso em: 20 novembro 2017.
- POLETO, Juez (Org.). 2016. **Literatura e experiência humana: tecnologia e trabalho**. Curitiba: Ed.UTFPR.
- TUFANO, Douglas. 1993. **Estudos de Língua e Literatura**. 4 ed. São Paulo: Moderna.
- TUFANO, Douglas. 2006. **Machado de Assis: questões éticas em discussão**. 2 ed. São Paulo: Paulus.